

Trilha interpretativa: uma ferramenta à sensibilização

Interpretative trail: a tool to awareness

Marcial Cotes^{1*}

ARTIGO ORIGINAL | ORIGINAL ARTICLE

RESUMO

O artigo objetivou investigar as percepções, reflexões e emoções demonstradas durante processo educativo de atividade realizada em trilha interpretativa para sensibilizar (TIS). Adotou-se pesquisa qualitativa com os métodos de observador participante e não participante na posição de *voyeur*. Os resultados apontam que a TIS atuou favoravelmente para sensibilizar o público alvo da pesquisa dentro dos objetivos propostos.

Palavras-chave: trilha interpretativa, educação ambiental, meio ambiente.

ABSTRACT

The article aimed to investigate the perceptions, reflections and emotions demonstrated during the educational process of activity carried out on an interpretative trail to sensitize (ITS). Qualitative research was adopted with the participant observer and non-participant methods in the voyeur position. The results indicate that the ITS worked favorably to sensitize the target audience of the research within the proposed objectives.

Keywords: interpretive trail, environmental education, environment.

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil.

* *Autor correspondente:* Rua Marques de Paranaguá-nº 200 / caixa postal nº 365 - Centro - Ilhéus (BA) Cep 45.653-970 *email:* mcotes@uesc.br

INTRODUÇÃO

O incremento das atividades no meio ambiente natural pode promover benefícios econômicos ao orientar as políticas de desenvolvimento de uma determinada região e ainda influenciar positivamente a conservação de áreas naturais protegidas mundiais (Hjerpe, 2018; Melo, Crispim & Lima, 2005; Mcneely, Faith & Albers, 2005).

A interdisciplinaridade é considerada pressuposição para dinâmicas de educação ambiental (EA) utilizada como mecanismo para ampliação do saber, ao incitar a edificação de experiências que possam colaborar ao conhecimento no contato direto com o meio ambiente (Serrano, 2000).

Neste sentido, a interpretação ambiental é importante ferramenta da educação física (EF) para comover as pessoas, a partir de sustentáculos fundamentados, a saber: no vínculo entre trilhas interpretativas (TI) e a EF e nas vivências possíveis entre ambas, como instrumento no processo educacional (Paiva & França, 2007). De tal modo, TI podem ser adotadas em propostas multidisciplinar e transversal envolvendo distintas áreas do conhecimento como biologia, geografia, psicologia, educação, EF, entre outras possibilidades, com o propósito de sensibilizar a percepção e educar o cidadão (Cotes et al. 2018, Cotes, Salles, Tozetto & Nascimento, 2017; Cotes, Salles, Schiavetti & Nascimento, 2017a; Paiva & França, 2007).

Ao avaliar a necessidade da EF refletir sobre a proteção do meio ambiente, surge como opção a integração dos saberes abordado nos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Osborne, Da Silva & Votre, 2011; Brasil, 1997; 1998). Dentro desse desígnio ocorre um amplo espectro de atuação da EF no mercado de trabalho, tanto para licenciados como para bacharéis, onde observa-se a importância do contato com a natureza (Cotes et al., 2018; Cotes et al., 2017).

Atividades no meio ambiente natural possibilitam, no contato com a natureza, vantagens a partir da reflexão na ação, na autoanálise e na socialização (Rosa &

Carvalhinho, 2012). Outro aspecto a considerar é o pedagógico educacional a partir das atividades realizadas intencionalmente para educar a relação do ser humano com o meio ambiente (Cotes et al., 2018; Bacchi, Queiroz & Neiman, 2017; Cotes et al., 2017; Rodrigues, Paixão & Tucher, 2010; Gonçalves Junior, 2009).

Neste processo, a caminhada é excelente ferramenta educacional quando os praticantes são induzidos a perceberem e problematizarem a natureza (Ferreira, 2006). Caminhar como conteúdo à EF escolar propicia o trabalho em equipe, o auxílio ao próximo, a necessidade de perceber e respeitar seus limites e dos outros, a possibilidade de desenvolver trabalhos interdisciplinares por meio de informações da flora e fauna (Armbrust & Silva, 2012; Venditti Jr & Araújo, 2008).

Assim, autores orientam à utilização das atividades alternativas como trilha ecológica, projetos integrativos, jogos e dinâmicas didáticas como complemento a serem integrados aos conceitos e conhecimentos relativos à biodiversidade, ecologia e conservação dos recursos naturais (Lazzari, Gonzatti, Scopel & Scur, 2017). Além do emprego destas atividades em espaços distintos como jardins botânicos, parques urbanos, unidades de conservação e museus de ciências naturais, ao possibilitar ao educando, conexões com diferentes conceitos, permitindo um aprendizado por meio da investigação ao proporcionar significado para estas temáticas essenciais na formação do cidadão consciente e empenhado com a conservação ambiental (Lazzari et al., 2017).

O litoral do estado da Bahia é dividido pela Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) em cinco polos turísticos designados como: Costa das Baleias, do Cacau, dos Coqueiros, do Dendê e do Descobrimento (Bahia, 2002). A Costa do Cacau apresenta uma diversidade de oportunidades à prática de atividades de aventura (Cotes & Morel, 2003). Pesquisas vêm sendo desenvolvidas na região na tentativa de avaliar o nível de dificuldade de TI (Cotes, Mielke, Cazorla & Morel, 2007), o desenvolvimento turístico das comunidades locais (Noia, Avila & Cartibani, 2009), o ecoturismo na visão da comunidade local

(Tahara, Santos & Carnicelli Filho, 2010), o medo na atividade de aventura (Cotes & Morel, 2011), a análise das ofertas do turismo de aventura (Tahara & Carnicelli Filho, 2012), pesquisa intersectorial ao planejamento do lazer, da cultura e do turismo (Silva, Avila, Santos & Borges, 2012) e diagnóstico do turismo na ótica dos residentes (Santos & Avila, 2017).

Considerando a importância de abordar nas instituições públicas de ensino de nível superior aspectos referentes ao meio ambiente e o atual nível de degradação ambiental (Lugg, 2007), esta investigação objetivou perceber as reflexões e emoções expressadas no processo educativo, por meio de uma TI utilizada pedagogicamente para sensibilizar o público como conteúdo da disciplina Metodologia de Ensino dos Esportes de Natureza, oferecida numa Universidade Estadual localizado no nordeste do Brasil.

MÉTODO

A pesquisa é de cunho qualitativo e a metodologia foi do observador participante no primeiro momento, e, *a posteriori*, da observação não participante (Flick, 2005). Desta forma, o observador manteve distância e não interferiu nas duas ocasiões. Assim, o pesquisador ficou dissimulado numa posição de *voyeur*, pois as pessoas não sabiam que estavam sendo observadas ao propósito da investigação. O que não implica a necessidade de passar a pesquisa por um comitê de ética (Flick, 2005). Para Flick (2005) métodos de observação, etnográficos e dados visuais acentuam, de forma genérica, que práticas somente podem ser compreendidas a partir da observação, bem como as narrativas e entrevistas permitem apenas a capacidade de descrever, inviabilizando às próprias práticas.

Este tipo de metodologia consiste em observar algo que ocorre com um determinado público (Durkheim, 1999; Flick, 2005). Além disso, utilizou-se de caderneta de campo para anotar as observações consideradas relevantes à temática do estudo.

Participantes

Participaram do estudo 46 alunos do quarto semestre do curso de EF de uma instituição estadual de ensino superior. Os alunos foram

divididos em dois grupos, sendo 24 discentes em 2016 e 22 em 2017, de turmas distintas.

Instrumentos e Procedimentos

A TI para Sensibilizar (TIS) é localizada em área de Mata Atlântica na Reserva Alto da Esperança (RAE), no nordeste do Brasil no distrito de Itacaré, no estado da Bahia. Conta com 45 metros de percurso, aproximadamente, no qual os 15 metros iniciais são lineares e os outros 15 metros de trilha circular, onde ocorre a atividade de sensibilização (Figura 1).

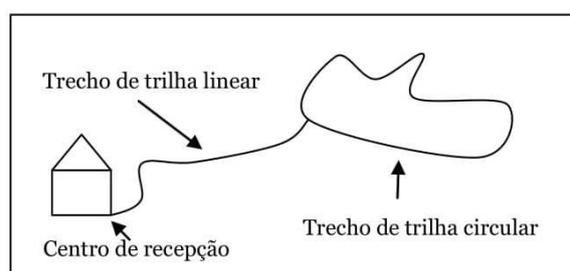


Figura 1. Formato da Trilha Interpretativa (TI)

No trecho de trilha circular foi colocado, dissimuladamente, 40 objetos recolhidos no descarte de lixo, como por exemplo, porta retrato, pedaço de tijolo, tampa de vaso sanitário, garrafa pet, bota (Figura 2), embalagens plásticas, fita de tecido, guarda-chuva, entre outros; desde a serrapilheira até uma altura de 2 metros, ao longo dos dois lados da trilha.



Figura 2. Bota introduzida na Trilha Interpretativa para Sensibilização (TIS)

A estrutura da trilha para finalidade de aplicação da dinâmica com objetivos de EA, guarda certa analogia à proposta da atividade Espaço de Vida (Mata 3), sugerida por Wachtel e Costa (2002) com o título de Esconde- Esconde.

No primeiro momento a turma 2016 foi a campo e percorreu a TIS, para posteriormente, iniciar as aulas teóricas do conteúdo programático da disciplina. Durante a atividade saíram grupos de no máximo quatro alunos em silêncio e sem poder interagir entre eles para percorrerem o trecho de trilha circular em um minuto, na tentativa de identificar o maior número de objetos estranhos ao ambiente natural. Após a passagem os alunos foram questionados para dizerem quantos e quais objetos estranhos haviam visualizado.

Posteriormente os grupos eram convidados a percorrer o mesmo trecho, agora sem tempo estipulado, na tentativa de mirar os demais objetos não detectados, podendo interagir uns com os outros para facilitar a observação dos elementos estranhos ao ambiente natural. Por último todos percorriam o trecho para que o condutor mostra-se os demais objetos não enxergados. Na turma de 2017 a única alteração realizada na dinâmica foi referente à ordem, onde primeiro os alunos tiveram aulas teóricas na Universidade para depois irem a campo percorrer a trilha.

Ao término da terceira passagem de ambas as turmas no trecho de trilha circular, o condutor organizava uma roda para estimular e questionar os alunos sobre o que visualizaram, sentiram, perceberam e refletiram durante a experiência. O pesquisador, neste momento, participou da dinâmica com a turma 2016, mas sem se manifestar, e ficou como espectador externo no ano seguinte. Mas, em ambas as situações na posição de *voyeur*.

RESULTADOS

Na primeira passagem na TIS em seu trecho circular, observou-se que os 24 alunos de 2016 e os 22 de 2017, perceberam menos da metade dos objetos introduzidos no trecho. Na segunda passagem, agora com tempo para observar

melhor e podendo dialogar com seu grupo, constatou-se que a totalidade dos alunos não conseguiu visualizar todos os 40 objetos inseridos na trilha. No final quando todos percorriam a TIS com a orientação do condutor apontando os 40 objetos, ficou nítida a admiração e surpresa dos alunos em não conseguirem mirar alguns objetos que estavam quase totalmente mimetizados no ambiente.

Para o grupo de alunos do semestre letivo 2016 foi possível constatar que as reações não apresentaram discrepância com relação ao grupo 2017. É pertinente salientar que a alteração na ordem da dinâmica entre aulas teóricas em sala e a atividade de campo, para estes dois grupos, não influenciou no resultado final do objeto da atividade na TIS.

Após a passagem na trilha, durante a dinâmica em círculo, no momento que eram instigados a verbalizar o que sentiram e quais reflexões tiveram, foi possível colher um arcabouço de respostas semelhantes entre ambos os grupos referentes: ao destino final do lixo nas cidades; a poluição em todas as esferas e em abrangência ecúmena; a importância do serviço regular do lixo; a coleta seletiva; a necessidade do destino correto para cada tipo de lixo; a dependência que temos do meio ambiente e a nossa falta de compromisso em conservar os ambientes naturais; entre outras. Três aspectos foram observados nos dois grupos: a capacidade de se emocionarem durante a dinâmica com o lixo na trilha; a ausência de educação do cidadão que descarta o lixo em qualquer lugar nas cidades, ocasionando as enchentes urbanas devido ao entupimento das redes pluviais; e a capacidade de resiliência da natureza frente tantas adversidades ao absorver alguns objetos por completo com o tempo, descartados em locais inapropriados.

DISCUSSÃO

Na pesquisa certificou-se a necessidade do ensino superior compreender o seu protagonismo no incremento de estudos direcionados à sustentabilidade, por meio de iniciativas que desenvolvam saberes e habilidades nos alunos aplicáveis em intervenções interdisciplinares no processo de ensino-aprendizagem (Silva, Pavinato, Savi & Ahlert, 2017; Lugg, 2007). Lugg

(2007) insinua que a educação em ambientes naturais possa, mas não é cogente, acender a chama do ser humano com a obrigação de se preocupar com a natureza.

Na contemporaneidade trabalhos relatam a importância das atividades de campo aplicadas ao ensino (Oliveira, 2016; Gebauer & Carniatto, 2013; Viveiro & Diniz, 2009; Fernandes, 2007). A dinâmica caracterizada no presente estudo corrobora com os achados de Silva et al. (2017) e Lugg (2007), onde os autores sugerem que tal iniciativas devem ser incorporadas na educação básica e no ensino superior.

Atividades em TI envolvem o saber caminhar e a percepção do ambiente natural, demanda uma intrincada relação dos sentidos – visão, audição, tato, olfato e paladar (Cotes et al., 2017a). À vista disso, Ingold (2007) entende que a vida é uma trilha, onde o sujeito percebe e edifica uma trajetória por meio dos pontos observados/sentidos/percebidos. Mas, o autor defende que é essencial no trajeto que todos os sentidos estejam conectados para propiciar a aderência dos vários pontos visualizados na concepção de uma linha/trajetória contínua da vida ou uma educação dos sentidos (Ingold, 2007). O que foi possível observar durante todo o processo com os relatos dos discentes refletindo sobre o impacto causado pelo ser humano no decorrer dos tempos até a atualidade.

Atividades no meio ambiente facilita a revisão de valores atitudinais do sujeito e beneficia a reflexão a respeito do comportamento em relação ao ambiente, onde a interação possibilita a aquisição de mudanças que venham interferir na sua postura perante a natureza (Cotes et al., 2018; Tahara, Carnicelli Filho & Schwartz, 2006; Bruhns, 1997). Desta forma, é possível afirmar que os discentes formaram uma linha dos sentidos, onde ao final, levados a refletirem apontaram atitudes/comportamentos que não são mais pertinentes na atualidade, como por exemplo, jogar lixo nas ruas. Não obstante é impossível afirmar, sem realizar uma investigação mais elaborada, que estes estudantes adotam comportamento que traduza valores atitudinais esperados no cotidiano.

Mudar a postura na relação com meio ambiente é relevante neste cenário, haja vista que

Itacaré tem como atividade econômica a indústria do ecoturismo (Hjerpe, 2018; Tahara et al., 2010; Melo et al., 2005; Mcneely et al., 2005; Hendee, 1996). Ademais, a interpretação ambiental, neste caso uma TIS, tem como propósito oportunizar o visitante uma leitura da natureza para viabilizar uma compreensão simplória dos mecanismos essenciais à manutenção de um determinado ecossistema, permitindo ao público captar informações educativas, podendo ser sensibilizado para causa ambiental ao atrair a sua atenção e preocupação. Isto posto, a caminhada em TI apresenta objetivos que vão além do simples contato com a natureza ou uma atividade física diária.

O estudo hora em evidência sugere ponderação em sua análise ao admitir finitudes na sua metodologia, o que implica mais investigações que possam utilizar de outras metodologias complementares a adotada.

CONCLUSÕES

Foi possível elencar durante as falas do público investigado problemáticas contemporâneas da sociedade mundial atinentes ao destino final dos resíduos sólidos, a quase inexistência de processos de coletas seletivas fora de grandes centros urbanos no Brasil, o imperativo da reciclagem, a importância da compostagem, o imprescindível papel e valorização do serviço regular de lixo, a dependência que temos do meio ambiente e a ausência de compromisso/contrato social à conservação dos ambientes naturais.

Não obstante, pode-se afirmar a constatação durante a atividade, do processo de cooperação das visões/percepções em complementaridade, como característica da dinâmica ministrada na TIS, o que permite dizer ter ocorrido à sensibilização e integração dos estudantes. Isto indica ser a TIS uma ferramenta atual para enternecer o ser humano no seu compromisso social com o planeta e a sua inevitável inter-relação.

Agradecimentos:

Ao Claudio Lopo, proprietário da Reserva Alto da Esperança, localizada em Itacaré, Bahia - Brasil.

Conflito de Interesses:

Nada a declarar.

Financiamento:

Nada a declarar

REFERÊNCIAS

- Armbrust, I. & Silva, S. A. P. S. (2012). Pluralidade cultural: Os esportes radicais na Educação Física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, 18(01) 281-300.
- Bacchi, R., Queiroz, O.T.M. & Neiman, Z. (2017). A Educação Ambiental no Ecoturismo e no Turismo de Aventura: estudo de caso do Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Santa Virgínia (SP). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, 10(2) 498-524.
- Bahia, Secretaria de Cultura e Turismo. (2002). *Roteiros Ecoturísticos da Bahia Costa do Cacau* (2a ed.). Superintendência de Desenvolvimento do Turismo. Salvador: Bahia.
- Brasil. (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física Séries Iniciais*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física Séries Finais*. Brasília: MEC/SEF.
- Bruhns, H. T. (1997). Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo, 18(2) 86-91.
- Cotes, M., Salles, W. N., Brasil, V. Z., Iha, T., Schiavetti, A. & Nascimento, J. V. (2018). Perfil sociodemográfico, acadêmico e profissional de condutores de trilhas de longa duração em Parques Nacionais Brasileiros. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 26(1) 167-177.
- Cotes, M., Salles, W. N., Tozetto, A. V. B. & Nascimento, J. V. (2017). Aprendizagem formal, não formal e informal: como condutores de dois Parques Nacionais estabelecem seu tirocínio. *Movimento*, 23(4) 1381-1394. doi.org/10.22456/1982-8918.75313
- Cotes, M., Salles, W. N., Schiavetti, A. & Nascimento, J. V. (2017a). Necessidades formativas de condutores de visitantes em Parques Nacionais. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 10(4) 892 - 917.
- Cotes, M. & Morel, M. (2011). Análise da frequência cardíaca e do discurso dos visitantes da trilha interpretativa da RPPN Ecoparque de Una no trecho de passarelas suspensas no dossel. *Lecturas Educación Física y Deportes*, 16(162).
- Cotes, M., Mielke, M. S., Cazorla, I. M. & Morel, M. (2007). Avaliação do nível de dificuldade da trilha interpretativa do Ecoparque de Una (BA): aspectos físicos, biológicos e parâmetros de esforço físico dos visitantes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, 28(3) 191-207.
- Cotes, M. & Morel, M. (2003). Ecoturismo e suas Potencialidades na Costa do Cacau. In: *Anais do VII Encontro Nacional de Turismo com Base Local*. Ilhéus: Editus.
- Durkheim, É. (1999). *As regras do método sociológico* (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Fernandes, J. A. B. (2007). *Você vê essa adaptação? A aula de campo em ciências entre o retórico e o empírico* (Tese de doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Ferreira, G. (2006). Environmental Education through Hiking: a qualitative investigation. *Environmental Education Research*, London, 4(2) 177-185. doi.org/10.1080/1350462980040205
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Tradução de Arthur M. Pereira. Lisboa: Monitor.
- Gebauer, I.C.L. & Carniatto, I. (2013). Educação Ambiental em eco-trilha do Parque Nacional do Iguaçu. *Anais do CIRPEA - I Colóquio Internacional da Rede de Pesquisa em Educação Ambiental por Bacia Hidrográfica e do XIV EPEA - Encontro Paranaense de Educação Ambiental*. Cascavel: Unioeste, (1) 116-127.
- Hendee, J. C. (1996). The sustainability of U.S. wilderness: ecologically, socially, and politically. *International Journal of Wilderness*, 2(3) 3.
- Hjerpe, E. E. (2018). Outdoor Recreation as a Sustainable Export Industry: A Case Study of the Boundary Waters Wilderness. *Ecological Economics*, (46) 60-68. doi.org/10.1016/j.ecolecon.2017.10.001
- Ingold, T. (2007). *Lines: a brief history*. London: Routledge.
- Lazzari, G., Gonzatti, F., Scopel, J. M. & Scur, L. (2017). Trilha ecológica: um recurso pedagógico no ensino da Botânica. *Scientia Cum Industria*, 5(3) 161-167. doi.org/10.18226/23185279.v5iss3p161
- Lugg, A. (2007). Developing sustainability-literate citizens through outdoor learning: possibilities for outdoor education in Higher Education. *Journal of Adventure Education and Outdoor Learning*, 7(2) 97-112. doi.org/10.1080/14729670701609456
- Mcneely, J. A., Faith, D. P. & Albers, H. J. (2005). "Biodiversity". *En Ecosystems and human well-being: Policy responses*, v. 3. Millennium Ecosystem Assessment Series, (Org.) Kanchan Chopra, Rik Leemans, Pushpam Kumar y Henk Simons. (3, pp. 119-172). Washington D.C.: Island Press.
- Melo, R.S, Crispim, M.C. & Lima, E.R.V. (2005). O turismo em ambientes recifais: em busca da transição para a sustentabilidade. *Caderno Virtual de Turismo*, 5(4) 34-42.
- Noia, A. C., Avila, M. A. & Cartibani, M. M. B. (2009). Desarrollo turístico y comunidade local: valoraciones y expectativas dos residentes de Ilhéus - BA. *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 6(18) 634-654.
- Oliveira, M. V. N. (2016). Aula no Parque: principais reflexões acerca da realização de atividades pedagógicas em Unidades de Conservação da natureza. *REVISEA - Revista Sergipana de Educação Ambiental*. São Cristóvão-SE, 1(3) 110-127.

- Osborne, R., Da Silva, C. A. F. & Votre, S. J. (2011). Educação Física, esporte e desenvolvimento sustentável. *Pensar a Prática*, 14(1) 1-14. doi.org/10.5216/rpp.v14i1.10214
- Paiva, A. C. & França, T. L. (2007). Trilhas interpretativas: reconhecendo os elos com a Educação Física. *Revista Brasileira Ciências do Esporte*, Campinas, 8(3) 109-124.
- Paixão, J. & Tucher, G. (2010). Risco e aventura por entre as montanhas de Minas: a formação do profissional de esporte de aventura. *Pensar a Prática*, 13(3) 1-19. doi.org/10.5216/rpp.v13i3.10703
- Rodrigues, C. & Gonçalves Junior, L. (2009). Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. *Motriz*, Rio Claro, 15(4) 987-995. doi.org/10.5016/3252
- Rosa, P. F. & Carvalhinho, L. A. D. (2012). A educação ambiental e o desporto na natureza: Uma reflexão crítica sobre os novos paradigmas da educação ambiental e o potencial do desporto como metodologia de ensino. *Movimento*, Porto Alegre, 18(3) 259-280.
- Santos, M. S. & Avila, M. A. (2017). Planejamento participativo: uma análise do turismo de Uruçuca (BA) a partir da ótica dos residentes. *Caderno Virtual de Turismo* (UFRJ), 17, 30-45. doi.org/10.18472/cvt.17n1.2017.0984
- Serrano, C. (Org.). (2000). *A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo: Edições Chronos.
- Silva, E. F., Pavinato, J. M. S., Savi, D. & Ahlert, A. (2017). Atividade de campo no ensino superior: um estudo de caso etnográfico. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, São Paulo, 12(5) 26-40.
- Silva, D. S., Avila, M. A., Santos, M. I. & Borges, C. N. F. (2012). Ações intersetoriais no planejamento político em esporte, lazer, cultura e turismo na gestão municipal de Ilhéus - BA. *Licere* (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online), 15(1) 1-40.
- Tahara, A. K. & Carnicelli Filho, S. (2012). Análise da Oferta do Turismo de Aventura na Costa do Cacau/BA. *Caderno Virtual de Turismo* (UFRJ), 12(2) 198-211.
- Tahara, A. K., Santos, J. D. & Carnicelli Filho, S. (2010). O ecoturismo em Itacaré/BA na visão de atores sociais e comunidade local. *Caderno Virtual de Turismo* (UFRJ), 10(3) 61-74.
- Tahara, A. K., Carnicelli Filho, S. & Schwartz, G. M. (2006). Meio ambiente e atividades de aventura: significados de participação. *Motriz*, Rio Claro, 12(1) 59-64. doi.org/10.5016/61
- Venditti Jr. R., & Araújo, P. F. (2008). Trilhas ecológicas com orientação para pessoas surdas. *Pensar a Prática*, 11(3) 269-280. doi.org/10.5216/rpp.v11i3.3601
- Viveiro, A. A. & Diniz, R. E. S. (2009). Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental. *Ciência em Tela*, 2, 1-12.
- Wachtel, G. & Costa, C. M. R. (2002). *Brincando e aprendendo com a mata: manual para excursões guiadas*. Projeto Doces Matas. Belo Horizonte.

